

# A VELHA GUARDA

Órgão local do Partido Republicano Português

Editor:

Propriedade da Empresa de A Velha Guarda

Redactor principal:

JOAQUIM DE ALMEIDA GUIMARÃES

AGOSTINHO F. ROCHA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: — RUA ELIAS GARCIA, 13 — Composto e impresso na Tip. de A VELHA GUARDA — Rua Elias Garcia, 45 — GUIMARÃES

## A Câmara e os socialistas

As classes proletárias deste concelho tem merecido, desde há muito e sem interrupção, as provas mais convincentes da simpatia que merecem às entidades directivas do Partido de que este periódico é órgão.

Essa simpatia tem sido demonstrada com factos que ocioso seria agora lembrar, bastando salientar quanto, na última organização da Comissão Administrativa Municipal, os representantes do Partido Republicano Português lutaram para que a essas classes fosse dado na Câmara um lugar que as colocou numa posição igual à dos restantes partidos da República.

Exclusivamente devem a sua representação na Câmara aos esforços repetidos que nesse sentido foram empregados pelos delegados do nosso Partido e à boa vontade encontrada da parte do Governador Civil de Braga, que, inteligentemente, traduzia a orientação do gabinete presidido por José Relvas.

Constituída a Câmara e mal se encetaram os seus trabalhos, logo toda a actividade dos vereadores democráticos foi quasi que exclusivamente empregada na solução do gravíssimo e difficilissimo problema do abastecimento das classes pobres, e, — é preciso que se saiba e se diga, — tem trabalhado muito mais nesse sentido esses vereadores do que os próprios vereadores socialistas, o que não quer dizer, porém, que toda a Câmara, sem excepções, não tenha mostrado interessar-se, acima de tudo quanto mais lhe impende resolver, pelo abastecimento do concelho.

Com grandes sacrificios pessoais, vereadores há que tem pôsto de parte os seus mais instantes e legítimos interesses particulares, para, com verdadeiro carinho pelos pobres que não tem pão, procurarem minorar-lhes mais rapidamente e nas melhores condições possíveis, a sua situação realmente aflitiva.

Isto que dizemos conhecem-no bem, porque tem sido de tudo minuciosamente informados, os vereadores socialistas, cuja colaboração em todos os trabalhos a este assunto referentes, constantemente lhes tem sido pedida.

As dificuldades a vencer tem sido, porém, imensas: não há milho, não há onde ir buscá-lo e naquêles concelhos onde ele sobra, como Vieira, exigem um preço exorbitante e levantam-se mil difficuldades para, mesmo sem se fazer questão de preço, êle poder transitar para aqui.

No entanto, algum se vai conseguindo; à custa de muito trabalho, de muito boa vontade, entram no celeiro alguns carros de milho de

Vieira, e, com mais alguns vagons de milho colonial prometido dum carregamento que chegou ao Porto, tem-se esperança de poder suprir as necessidades mais urgentes até que, finalmente, dêem entrada nos hossos portos as enormes quantidades de milho, que estão encomendadas das colónias e da Argentina e que já veem no mar.

A direcção do Celeiro, reflectindo a opinião da Câmara, que já era conhecida pelos vereadores socialistas, há bastantes dias, sem que até então tivessem esboçado qualquer indício duma reacção mais que platónica, resolveu vender o milho pelo mesmo preço por que o obtinha. Um dos vereadores socialistas apresentou uma declaração de voto em contrário e, apesar de já saber do movimento de violento protesto, que para o dia seguinte se projectava, de nada preveniu os seus colegas, que sempre para com êle tinham sido da maior lealdade, nem se deu ao cuidado de rebater os argumentos que foram aduzidos e que justificavam a resolução que se tomava de vender o milho pelo preço do custo.

Esses argumentos baseavam-se no facto, que não pode ser contestado, de que a situação financeira do Município de Guimarães, sendo das mais precárias, não pôde suportar o grande prejuizo que lhe resulta de vender o milho por um preço inferior aquêlle por que o compra.

Os encargos do Município de Guimarães são, relativamente, imensamente superiores aos de qualquer outro concelho do país: tem despesas enormes que outros concelhos não tem e entre as quais avulta uma verba superior a 30 contos só para o Liceu Central. As contribuições estão no seu máximo e o contribuinte muito difficilmente poderá sofrer ainda mais um agravamento. E, de resto, aumentar as contribuições para diminuir o preço do milho é aliviar, passageiramente, uma situação realmente difficil, para a tornar, mas, então, já permanentemente, mais difficil ainda pela repercussão do imposto nas classes pobres, que é uma lei fatal. E' sabido que quem mais sofre com o aumento das contribuições são as classes proletárias que vêem fugir-lhe o trabalho pelo natural retraimento do capitalista e tem de suprir as suas necessidades por preços mais subidos porque o produtor e os intermediários, quando a contribuição aumenta, logo aumentam também os preços, e numa proporção sempre mais elevada. São sempre os mais pobres os que mais veem a pagar.

Nada disse nessa occasião o refe-

rido vereador, representante das classes trabalhadoras na Câmara e na direcção do Celeiro, e, logo no dia seguinte de manhã, tendo sido a reunião da direcção do Celeiro à noite, apparecem os avisos das associações de classe convidando o povo para uma manifestação de força contra a resolução da Câmara.

Essa manifestação veio principalmente a concretisar-se num assalto a padarias e mercearias, cometendo-se os mais revoltantes excessos e roubos, que são a perpétua desonra daqueles que a êles assistiram e que, tendo podido, pela situação de preponderância e destaque nas classes que incitaram à revolta, bem melhor do que as autoridades, evitá-los, preferiram rir-se com satisfação ao vêrem as sacas de artoz espalhando-se pelas ruas.

E todos estes desmandos porque e para que? Porque a Câmara tinha tomado a única resolução que lhe era licito tomar, defendendo os interesses de todo o Município; para mais agravarem a situação dos pobres, trazendo a perturbação ao funcionamento dos serviços do celeiro, com demoras, mais despesas e os mil transtornos que implica o estado anormal que provocaram.

Não se fez um movimento contra a Câmara de Vieira, que está exigindo da de Guimarães um preço muito superior aquêlle pelo qual directamente o milho se poderia obter dos respectivos proprietários; contra uma Câmara que se está locupletando com lucros que vai arrancar à miséria dos pobres d'êste e doutros concelhos que não tem pão, não houve uma palavra de protesto; houve, sim, contra a Câmara de Guimarães, porque esta comete o grande crime de procurar, à custa de todos os sacrificios e com a melhor das vontades, milho onde o possa encontrar e vende aos seus munícipes pelo melhor preço por que o pôde obter; houve contra a Câmara, que às classes proletárias tem estendido a sua mão carinhosa e amiga, e, trazendo-as para uma colaboração directa e constante, lhes dá a suprema das considerações que nunca, antes, a qualquer mereceram. Não foram a Braga pedir ao sr. Governador Civil que fosse a Vieira impor à Câmara que não fizesse do fornecimento do milho um negócio cujos lucros saíriam das bocas hiantes das crianças, que por aí vêem esqueléticas, morrendo de fome; foram-lhe pedir que viesse a Guimarães instar com a Câmara, que só protecção lhes tem dispensado, para que se sujeitasse a sofrer um prejuizo que nem o seu estado financeiro, nem a capacidade tributaria d'êste povo, podem suportar.

E' procederam assim, indo encher da mais estúpida e repugnante satisfação êsses políticos de má morte, que esvurmamdo ódios por todos os lados, nada

mais podem nem sabem do que escarrar calúnias, pelas esquinas dos cafes, contra um Partido que só bem tem trazido a esta terra, aqueles que, durante o tempo de Sidónio, nunca esboçaram um movimento de protesto, talvez porque, em lugar de lhes darem cadeiras de vereadores no Município, lhes matavam as mulheres a pontapé, quando famintas, pacientemente, esperavam o pão para seus filhos.

Tudo isto demonstra que, á frente das classes trabalhadoras, não estão creaturas de boa e sã orientação. Do que succedeu não tem culpa os desgraçados que morrem de fome e aos quais a Câmara continuará dispensando todos os seus melhores disvelos; tem-na aqueles que os querem dirigir e que, por ignorância, por falta de educação intelectual e moral, por perversão ou por qualquer outro motivo, que não queremos agora averiguar, comente os prejudicam, agravando-lhes uma situação já tão precária, já tão difficil.

Que o compreenda assim o povo proletário desta terra e só dessa forma poderá, escorrando os elementos daninhos que o prejudicam, lutar proficuamente pelo melhoramento da sua, por agora, bem mesquinha condição: e fique certo que, na República e no nosso Partido, encontrará sempre o mais firme e o mais leal dos apoios.

## Limpeza... e clemência

Não se julgue, pelo que vou escrever, que sou apologista de perseguições por motivos políticos ou mesmo que clamo vingança para todos os crimes que por aí se praticaram durante o predomínio sidonista ou no período em que reinou a junta governativa.

Antes pelo contrário, eu estimaria que muitos erros e vários cometimentos fossem esquecidos; mas nunca até ao ponto da impunidade que muitas pessoas desejam.

Ouçõ hoje a certas criaturas apregoar uma politica de acalmção, de atracção, cheia de clemência. A muitas dessas criaturas ouvi diversas vezes, no tempo sidonico e da passageira monarchia, que a limpeza era absolutamente precisa, que a limpeza já tardava.

A limpeza que essas almas candidas e immaculadas desejam era a perseguição e talvez a morte de republicanos, simplesmente pelo crime de o serem.

Não quero sequer referir-me aos crimes que se cometeram desde 5

de Dezembro de 1917 até 13 de Fevereiro último. Entendo que os processos dos republicanos devem ser muito diferentes dos de que usaram os adversários; mas também entendo que a clemencia, que muitos pretendem, seria descabida e até perigosa. E' esta a modesta opinião dum modesto assinante de «A Velha Guarda».

M. C.

## VARIANTES

### A batalha do Lys

A data de 9 de Abril, que foi comemorada há dias, anniversario da violenta e épica batalha do Lys, é, ao mesmo tempo, data de luto e dôr, de heroismo e de bravura.

Com effeito, os campos da terra fecunda e bela da França abeberaram-se do sangue rubro e generoso da mocidade portuguesa que, num maravilhoso êlan, atacou com impeto, com rara e destemida heroicidade, as hostes numeroasissimas e poderosas dos soldados da Alemanha, mas o nome e a glória do Exército português brilharam e illuminaram mais uma vez a História Patria de um vivo e extraordinario clarão.

Fômos, é certo, vencidos pela superioridade material e numerica do adversário, que disse-nos fazer surgir do solo novas, constantes e intermináveis avalanches de combatentes, mas, por isso mesmo, mais brilha e resplandece o heroismo indomito do punhado de bravos de infantaria 13 e 15 que, na defesa encarnicada e tenaz de La Couture, soube erguer, bem alto, altiva e sublime, a bandeira da Patria.

Data de dôr, sim! E' data de saudades pela memoria augusta de tantos bravos, ignorados talvez, que tombaram em defesa da Patria e da Liberdade, mas, sobretudo, data de onde irradiam reverberos de ouro sobre a historia brilhante e esmaltada da raça lusitana.

Heróis de França, bravos batalhadores de La Couture, sois imortais!

— Vós inscrevestes em letras de bronze e ouro mais uma epopeia nos fastos imortelloiros da História de Portugal!

A. R.

## Ao correr da pena...

A dura lição que o dezanbrisimo e as suas funestas consequencias deram aos verdadeiros republicanos, deve imperar de um modo eficaz na consolidação definitiva da República.

A maneira jovial, alegre, quasi louca por que foi acolhida por muitos individuos a proclamação da junta governativa criou raizes tão fortes em espiritos fracos que ainda hoje há quem alimente esperanças de uma nova restauração. E' certo que essas esperanças nada significam de per si nem tão pouco sao de molde a influir nos céios.

Há porém ao par dessa vã esperança factos de capital importância a que urge pôr cobro imediato.

São os boatos. No nosso país, talvez mais do que em qualquer outro, maneja-se com inqualificável ousadia o boato. O boateiro surge a cada canto espalhando as mais tórpes atoardas. Para ele não há nem o amor da Patria, nem o sentimento da ordem, nem o respeito pela lei. Apraz-lhe dizer que na capital houve uma revolução e ei-lo espalhando aos quatro ventos o seu boato, como se fôra uma notícia confirmada. Perpassam-lhe pela imaginação ideias de uma revolução sidonista, de um levantamento operário, de uma greve importante, de concentração de forças monárquicas na fronteira com a ameaça de uma próxima incursão vitoriosa, de uma complicação internacional, de mil coisas enfim, e ei-lo radiante, esfregando as mãos, correndo de porta em porta a contar o facto aos incautos que dêle tiram consequências terroristas e perigosas para uns, de desassossego para outros, de contentamento e fútil esperança para alguns.

E não vá o leitor julgar que exageramos nesta afirmação. Se quer convencer-se da verdade saia de sua casa, percorra a rua, entre em um estabelecimento comercial, em um café, em qualquer ponto de reunião, desça à aldeia e aos centros de cavaqueira e ouvirá a todos os momentos boatos desta natureza, seguidos com uma seriedade e um cunho tal de veracidade que ao recolher à sua casa há-de indignar-se contra a tolerância benevolva que deixa viver, livremente elementos tão perniciosos à sociedade.

Sim, o boateiro é realmente um elemento perniciosissimo contra o qual é preciso tomar medidas urgentes de repressão. Impõe-se fazer acabar de vez a carreira do boato, empregando para isso todos os meios necessários. O boateiro é um inimigo da ordem, da tranquillidade, da República e como tal deve ser combatido. Quantas incidentes lamentáveis, de funestas consequências, se lhe devem? Quantos perigos por ele concebidos com a sua atoarda?

E todavia continua impune, sorrindo sarcásticamente dos que sofrem os rigores da lei, muitas vezes bem menos culpados, gosando mesmo situações favorecidas que mais e mais facilitam a sua missão dissolvente e perversa!

A República para seu bem não pode continuar a ser generosa com elementos desta natureza. É preciso que sobre os boateiros caia o cutelo da Justiça e que ao povo incauto e bom se ensine a bani-los como vermes que corroem e envenenam a sociedade. Leis de repressão severa para os boateiros, applicadas com justiça, mas sem violência escusada; educação do povo para a República; vigilância tenaz dos republicanos para defesa da causa que tantos sacrificios tem custado são três elementos cuja congregação é indispensável para complemento da obra da gloriosa jornada de 13 de Fevereiro.

Convencamo-nos todos de que só assim é que a República poderá engrandecer-se e unindo-nos num só brado — o amor da patria — demos-lhe todo o nosso esforço para definitivo aniquilamento dos germens perigosos que veem perturbando, há tanto tempo, a nossa vida social e o progresso das instituições republicanas.

A. F.

Infanticídio

Está presa n a cadeias desta cidade uma mulher cretense, acusada de matar a sua filha recém-nascida. No seu interrogatório declarou que não sabia o estado em que andava, mas que no dar a luz a criança, esta ganiu. E de Balazar, dêste concelho.

Pela Escola e pela República

Todos nós sabemos muito bem o que a Monarquia nos legou no que diz respeito a instrução e educação do povo. O País não tinha escolas e havia um grande número de professores sem colocação.

Aqueles, que estavam colocados, viviam, apesar disso, em penúria extrema; ganhavam doze escudos e tal por mês, não falando nos interinos, que êsses, coitados, auferiam a fabulosa quantia de nove escudos!

Como havia o professor primário de impôr-se, nestas circunstâncias, ao meio em que vivia, para bem se desempenhar da grande missão de que está incumbido?

Um dia, em que uma comissão de professores se dirigiu ao sr. João Franco, pedindo-lhe melhoria de situação, ê-te mandou-os francamente plantar batatas! E, para complemento da sua obra, mandou encerrar as escolas de habilitação para o magistério, durante um ano, para que se não formassem professores!

Havia pois, como dizia, poucas escolas, e professores na miséria, sendo um grande número dêles sem colocação.

Veio a República e logo os seus homens reconheceram a necessidade inadiável de espalhar a instrução a ondas, porque não é possível uma democracia pura num país de analfabetos.

Abriam-se efectivamente muitas escolas; collocaram-se todos os professores, chegando a haver escolas sem concorrentes.

A situação económica do professor não melhorou, porém, a ponto de poder viver com certa independência.

As condições da vida foram-se agravando de tal forma que muitos professores se viam obrigados a buscar noutro mistér os meios de subsistência para a sua familia. A instrução, assim, não podia progredir.

Para que o professor possa dedicar toda a sua inergia, intelligencia e vontade em favor da escola há-de viver somente da escola.

Muitos ministros sobraçaram a pasta da instrução, mas nenhum quiz ver êste problema a sério.

O dr. Alfredo de Magalhães, de tristissima memória, deixou a sua obra incompleta e cometeu o grande êrro de começar por onde devêra acabar. O ensino primário é a base de todo o outro ensino.

O ensino secundário e superior aproveita apenas a uma minoria da sociedade, ao passo que o ensino primário aproveita a todos em geral.

A classe do professorado primário estava já quasi que desiludida, quando surgiu a figura austera do dr. Domingos Pereira. Acalentou mais uma esperança, mas desta vez com mais fé, e não se enganou!

O dr. Domingos Pereira quebrou o nó górdio da instrução primaria em Portugal.

Sua Excelência não prestou um beneficio a uma classe; prestou-o à Patria e à República.

A sua obra não ficou ainda completa e foi pena que os interesses da República o obrigassem a deixar aquela pasta. Mas estamos certos de que o seu successor vai completá-la. E então, ao lado do nome do dr. Domingos Pereira, que vive já ao cotação do professorado primário, figurará também o de Leonardo Coimbra.

Depois o Estado poderá exigir afeitamente do professor o cumprimento dos seus deveres e o mais digno desempenho da sua missão. E o professor deverá exercer a sua acção o mais eficazmente possível.

O campo de acção do professor primário é vasto.

A sua acção não deve exercer-se somente a dentro da escola.

Deve ir mais longe, deve fazer a sua máxima propaganda dentro e fóra dela, chamando os mais refractários à Luz e à Vida.

J. A.

CAVAQUEANDO

Um artigo jornalístico que algures li, há dias, sobre as injustificadas demoras na organização dos processos criminaes e consequentes julgamentos, sugeriu-nos, não as injustiças a que elas dão azo, porque são contos largos, mas a falta de atenções que, pelo menos ao nosso tribunal, costuma haver pelos jurados, obrigando os a comparecer nêle algumas horas antes de ser aberta a audiência, como se ôles não tivessem mais que fazer.

Porque não determina o sr. Juiz a hora precisa em que pôde estar presente, com tolerância de minutos, ou sem ela? Evitava assim que os jurados para ali fôsem perder o seu tempo com o estomago desconfortado e a sua vida prejudicada, quando tudo se podia pela pontualidade, autoando-se aqueles que a ela faltassem, a começar pelo próprio juiz, como já um fez.

Sucede também, por conveniência, em geral dos srs. advogados de defesa, serem dispensados ou recusados alguns dos jurados, mais por amor à politica lateute no julgamento, do que por amor à Justiça, que é a deusa insosmível daquêle lugar sagrado.

É claro que tais recusas são sempre do agrado dos que por elas são beneficiados, qualquer que seja a sua causa, porque se vão embora; e um jurado vimos nós já agradecer irónicamente ao advogado de defesa a gentileza do seu gesto.

Mas êsse advogado tinha uma especial simpatia por determinados democráticos, com escândalo do tribunal, e foi pena que o facto se não repetisse, porque um dêles estava no propósito firme de não se mexer do seu lugar, quando o seu nome saísse da urua, e a responder, quando novamente o chamassem, que esperava dali a habitual recusa dum sr. doutor, para lhe evitar o desaire de a ouvir por êle formular exactamente quando começasse a subir o estrado do lugar dos jurados, onde só ôles, ali, são os julgadores.

E então, voltar-se-ia para o sr. Juiz, a quem, com a devida vênia, diria simplesmente estranhar que houvesse ali quem convertesse um templo de Justiça num tablado de politica.

E terminava por ficar doente em casa, nos dias de julgamento, para não aturar maduros.

O Partido Republicano Português e um novo Partido Radical

No Centro Democrático do Alto do Pina o illustre professor sr. dr. Lopes de Oliveira pronunciou há dias um discurso que achamos interessante extractar pelo assunto que trata:

O momento é difficil. A Republica, se quer salvar-se, não pode ter hesitações. São necessários dois partidos de governo? Mas para todas as tentativas feitas para constituir um partido, moderado, conservador, com antigos elementos monárquicos, fracassaram. Os srs. drs. António José de Almeida e Brito Camacho sacrificaram-se muito e em vão. O presidente Arriaga imolou-se-lhes. Sidónio Pais, para os trazer à Republica, teve de entregar-l'ha. E nenhum veio a ela senão para a ataiçoar. Não, os realistas responderam sempre em tom de guerra. A todas as solicitações deram condigna resposta — invasões, pronunciamentos, revoluções...

Qual foi a attitude das classes ricas, dos grandes proprietários, dos industriais, dos comerciantes e dos capitalistas? Encontrando, incondicional, o

apoio dos governos, abusaram de continuo da confiança dêstes, favorecendo ou promovendo a restauração monárquica. Demonstrado ficou em nove longos anos que a Republica não pode contar com êlas.

Tentamos estabelecer o equilibrio, chamando os a cooperar na obra de consolidação do regime. E viu-se perdida a Republica, quando, pelas pressões da alta bugezia, se encontrou, frente a frente, com o operariado, como perante um inimigo. Assim, já em 1914 o orador notava que, não podendo viver sem um seguro apoio, a Republica teria de tornar-se decididamente radical, no sentido socialista, aceitando a burguezia média (que constitue o fundo do Partido Republicano Português) a aliança com as correntes moderadas das massas proletárias, e, não dando força, em caso algum, a plutocracia.

A guerra passou depois, como um cataclismo. O tempo mudou depressa. O Partido Republicano Português é hoje o Partido Conservador. Formar nêste momento outro partido mais moderado será formar um partido reaccionário, que não caberá dentro do regime. E com quem? E como? Se alguém o tenta de novo, será um equivooco, terminando num desastre que todos pagaremos caro. Um partido radical necessariamente se formará. Uma acentuada corrente de opinião há muito o está organizando. Foi já dessa corrente que saiu o actual governo. Foi ela já que derrubou o sr. José Belyas, ao qual, ás, devemos assinalados serviços. A Republica está em marcha. E por mais que avance para o socialismo não se encontrará fóra do seu tempo e do seu lugar.

De «A Manhã».

As lições do sr. Cónego

Se as que dá no liceu valem tanto como as que, maniacamente, êste professor tem publicado, pobres dos estudantes que tenham de o aturar.

A nós não nos incomodam, porque só lhes daremos atenção, quando a merecerem.

Pão da Câmara

A Direcção do Celeiro Municipal resolveu, na sua última sessão, realizada em 10 do corrente, deixar de vender milho directamente ao público, passando a fornecê-lo aos padeiros com a obrigação de venderem pão ao preço que pelo Celeiro lhes fôr determinado.

Essa venda será feita mediante senhas de 3 quilos cada uma, que serão, mensalmente, distribuidas na secretaria do Celeiro, à face das cartas de consumo e em numero de sete para cada pessoa de familia.

O fornecimento de milho aos padeiros está regularizado de forma a não poder ter outra applicação.

Horas depois da Direcção do Celeiro haver tomado estas resoluções, chegou a esta cidade o sr. Governador Civil, nosso illustre correligionário Dr. Dias Pereira, que teve a gentileza de vir expressamente a Guimarães, deixando outros e importantes afazeres, para, junto do sr. Presidente da Câmara, instar para que puzesse de parte o seu justificado melindre com quem tão mal estava correspondendo a sua provada dedicação pelas classes pobres do concelho e mais uma vez contribuisse para minorar a miséria do povo, empregando a sua influencia para que o preço do pão, que primitivamente tinha sido fixado para 217, passasse para 214 centavos.

O sr. Presidente da Câmara, aceitando as explicações que, por intermédio de sua ex.ª o sr. Go-

vernador Civil, lhe fôram dadas, comprometeu-se a conseguir da Câmara que fôse fixado o referido preço de sete pintens para cada quilo de pão, o que representa para o Municipio um prejuizo superior a 265 em cada alqueire de milho.

O sr. Governador Civil falou dum das janelas da administração do concelho ao povo que estacionava no largo fronteiro, dando-lhe a boa noticia do resultado dos seus esforços e salientando quanto as classes trabalhadoras deviam ser gratas a Câmara pelas constantes provas de interesse que por elas tem dado e de que êle era testemunha.

Sua ex.ª, que teve também palavras de aspera censura para os desmandos havidos na véspera, afirmando que a repetição dos assaltos seria reprimida com a maior das energias, foi muito ovacionado durante a sua curta permanência nesta cidade, tendo causado opprima impressão o cuidado especial que pôstou merecer-lhe tudo quanto diga respeito ao bem-estar das classes humildes.

Câmara Municipal DE GUIMARÃES

Ainda por falta de espaço, deixamos de publicar o extracto das duas ultimas sessões camarárias, do que pedimos desculpa aos nossos presados leitores.

Conforme havíamos prometido, começamos a publicação da proposta apresentada pelo vice-presidente da Comissão Administrativa, sr. dr. Alfredo Fernandes, na sessão de 25 do mês findo.

A cidade de Guimarães permanece há muitos anos em um lamentavel estagio de progresso. Todas as cidades do País, após a implantação da Republica, encontram elementos que as tem feito progredir. Estando êste progresso a cargo das respectivas Câmaras ou comissões administrativas é a elas que cumpre tomar todo o expediente. A cidade de Guimarães não deixou de ter, adentro do regime republicano, elementos de valor que ao seu progresso votaram o melhor dos seus esforços. E assim, é que a vereação democrática, que a revolução de 5 de Dezembro expoliou da administração municipal, é digna dos maiores louvores pela dedicação votada a Guimarães.

Largos foram os seus serviços, todos o reconhecem; confessam-no mesmo, embora as occultas, os seus próprios inimigos. O seu plano administrativo era de largo horizonte e a ser levado a cabo, Guimarães seria uma cidade de grandes e utilissimos melhoramentos.

Infelizmente aquelles que se lhe seguiram houveram por bem criticar acerbamente, condemnando sem motivo tudo quanto estava projectado; e a execução de qualquer coisa que pudesse levantar a cidade, preferiam ao regime da actualidade, do roubo do viphendo que, para sempre, enchem as paginas da historia desta cidade. Agora, porém, que a Republica novamente aqui estabreceu os seus braços, urge que sem demora seja feita justiça ás nobres intencões e ao esforço da vereação suplantada pelo desvergonhado e ao esforço de fazer-lhe justiça é enveredar pelo caminho que ella vichia trilhando, pondo em pratica os seus projectos, aproveitando todos os elementos por ella colhidos, ampliando-os, modificando-os mesmo, se necessário fôr, mas de modo a poder-se mostrar a população guimaranense que a cidade tem na Republica o seu progresso e nos verdadeiros republicanos os seus melhores amigos,

(Continúa)

**As escolas centrais e o tifo exantemático**

Vai ser outra vez instalado no edificio das escolas centrais, desta cidade, o hospital de tifosos.

Sabemos que o problema da saúde pública sobreléva a todos os outros, mas talvez se pudessem remediar as coisas por forma a que a instrução não fosse tão prejudicada.

Com o encerramento das escolas, no ano findo, a média da frequência veio para metade e, por este caminho, descerá mais ainda, porque as famílias não querem que os seus filhos percam tempo.

Alunos havia o ano passado que tinham os seus exames garantidos e ficaram sem os fazer, porque na cidade não há escolas officiaes, para onde elles possam transitar.

Este ano aconteceram-lhes o mesmo: dois anos perdidos.

Se tivermos a infelicidade de o tifo nos perseguir nos anos de 20, 21, 22, etc., estaremos sem escolas officiaes, até que a terrível epidemia se extinga.

Era bom, pois, que as entidades interessadas pensassem sobre o caso e se resolvessem a escolher outro edificio para o hospital.

Os casos, felizmente, não são muitos e consta-nos mesmo que o ano passado não excedeu ao número dos epidemiacos recolhidos.

Creio que não havia necessidade de mobilizar um tão grande edificio. Isto para harmonizar todos os interesses.

Consta nos até que o Hospital da Misericórdia possui uma enfermaria isolada e que a sua direcção não se lhe dava de recolher ali os tifosos, caso lhe fosse concedida a verba que vai ser gasta com o novo hospital.

**Sôpa Económica Vimaranesse**

**Subscrição permanente**

Transporte: 4.678\$50

José da Silva Guimarães ...	20\$00
Augusto Mendes ...	5\$00
Viúva de Manuel Ferreira, F.º	5\$00
Cunha & C.ª ...	5\$00
António de Araújo Salgado ...	5\$00
António F. de Oliveira ...	2\$50
José Borges T. de Barros ...	20\$00
João Baptista de Sousa ...	5\$00
António José da Costa Braga	5\$00
Joaquim da Silva Martins ...	2\$00
Manuel José de Garvalho ...	1\$50
Raul Rocha ...	2\$50
António Luís da Silva Dantas	2\$50
Manuel Alves da Silva Cosme (mensal) ...	5\$00
Herdeiros de Luís de Pina (mensal) ...	5\$00
Joaquim Pereira Mendes & Martins ...	10\$00
João Carlos de Carvalho ...	2\$00
Dr. Eduardo de Almeida ...	20\$00
Carlos Alberto Machado ...	2\$50
Benjamin de Matos ...	5\$00
Joaquim Carlos Guimarães	2\$50
José de Magalhães Bastos ...	2\$00
Bento dos Santos Costa ...	5\$00
Viúva da Silva Cunha (mensal) ...	5\$00
Francisco Joaquim de Freitas (mensal) ...	1\$00
Bernardino Rebelo Cardoso Menezes ...	5\$00
António Virgem dos Santos ...	5\$00
Joaquim Patrício Saraiva ...	5\$00
Francisco José Barbosa (mensal) ...	5\$00
Joaquina Gomes da Silva ...	1\$00
Domingos José Pires ...	5\$00
Manuel Jesus de Sousa ...	2\$50
Augusto Pinto Areias ...	5\$00
José Marques Coelho ...	20\$00
<b>Total</b>	<b>4.861\$50</b>

José Correia Guimarães, 4 peças de riscado e João Mendes Ribeiro, 3 peças de riscado.

**Celeiro Municipal**

**Subsistências**

Reúno na quinta feira, pelas 13 horas, a direcção do Celeiro Municipal. O sr. Presidente comunicou que tendo havido manifestações tumultuárias sob pretexto do preço do milho, resolveu mandar fechar o Celeiro provisoriamente, indo a Braga expor a situação ao sr. Governador Civil que lhe prometeu fazer seguir

imediatamente para esta cidade todo o milho colonial actualmente disponível no Pôrto e promover a remessa de milho de Vieira também na maior quantidade e melhor preço possíveis; que tendo-se entendido, na mesma ocasião, com o sr. Presidente da Câmara de Braga, por este foi informado de que havia feito uma encomenda de mil toneladas de milho de Benguela, cujo preço, pagas todas as despesas, não devia ficar superior a 2580 o alqueire e cuja entrega se effectuaria no fim do corrente mês, e que ainda podia acrescentar a essa encomenda qualquer quantidade que ao Celeiro de Guimarães conviesse mandar vir.

Em virtude disto propõe, o sr. Presidente, que se telegrafe ao sr. Presidente da Câmara de Braga, pedindo-lhe inclua na referida encomenda 500 toneladas de milho para este concelho, e que sendo necessário para pagamento deste milho o Celeiro contrair um emprestimo, telegrafava ao sr. Governador Civil perguntando-lhe se elle poderia ser obtido do Estado, nos termos do art.º 7.º do Dec. n.º 4637 de 13 de Julho de 1918, para, no caso contrario, se recorrer a uma casa bancaria; que com esta encomenda de milho e com mais algum que venha do Pôrto e Vieira, julgava ficar assegurado o abastecimento do concelho até à próxima colheita. Propunha mais que, em lugar de se continuar a vender milho, este fosse fornecido aos padeiros que mais com flanga possam merecer a Direcção do Celeiro, pelo preço do custo acrescido das despesas, mediante a obrigação de venderem o pão pelo preço que pelo Celeiro lhes for estipulado e que fornecerão ao publico mediante senhas de 3 quilos que, à fice das cartas de consumo e para o periodo de um mês e na proporção aproximada de 750 gramas por pessoa, serão distribuidas pelo encarregado do Celeiro; e que a partir da primeira entrega de milho aos padeiros, as entregas seguintes só possam ser feitas mediante as senhas que eles apresentarem no acto da requisição e na quantidade correspondente ao número de quilos de pão por essas senhas representado.

Sobre estas propostas, que foram aprovadas, disse o tesoureiro da Direcção que com tudo concordava menos com a distribuição do milho aos padeiros, sendo de opinião que a Câmara mandasse manipular por sua conta, mobilizando fornos e empregando o pessoal assalariado da Câmara para os diversos serviços, apenas contratando um ou dois forneiros, à semelhança do que fazem as Câmaras do Pôrto, Braga, Famalicão, Póvoa de Varzim e outras onde há dificuldade na aquisição de milho.

Em virtude das deliberações tomadas nesta reunião de Direcção do Celeiro Municipal, foram logo expedidos os seguintes telegramas:

Ex.º Presidente Câmara Municipal — Braga — De harmonia combinado ontem pessoalmente V. Ex.ª, venho pedir-lhe se digno incluir na encomenda de mil toneladas de milho de Benguela para Celeiro de Braga mais 500 toneladas para Celeiro deste concelho. Peço V. Ex.ª me diga se posso contar este fornecimento, prazo, entrega, preço e forma de pagamento. — Presidente Direcção (a) *Mariano Felgueiras*.

Ex.º Governador Civil — Braga — Tendo este Celeiro feito uma encomenda de 500 toneladas de milho colonial indispensável para abastecimento deste concelho, rogo V. Ex.ª me diga urgentemente se para pagamento encomenda será possível obter do Governo, nos termos do art. 7.º do Dec. n.º 4637 de 13 de Julho de 1918, um crédito de 70 contos. — Presidente Direcção — (a) *Mariano Felgueiras*.

**Instrução**

As folhas dos vencimentos dos professores primarios, que não haviam sido procuradas em tempo, em vi-

tude do afastamento do inspector escolar, foram já remetidas para Lisboa e processadas de harmonia com o ultimo decreto que aumentou os vencimentos.

Tomaram posse do lugar de professores interinos das escolas femininas de Brito e masculina de S. Clemente de Sande, respectivamente, as sr.ªs D. Celeste Adélia Sá Pereira Pimentel Torres e D. Virginia Cândida Rodrigues Fernandes.

**Carteira**

Tem estado nesta cidade o nosso cterraneo, sr. dr. Francisco Xavier de Albuquerque Dias, distinto notário em Vila Nova de Famalicão.

Faz anos no próximo dia 17, a sr.ª D. Maria da Madre de Deus Guedes Barbosa, dedicada esposa do nosso presado amigo e correligionário, sr. António Barbosa de Abreu Guimarães.

Brevemente realiza-se o consórcio do sr. Manuel de Castro da Silva Sampaio, filho do falecido Visconde de Sendelo, com a sr.ª D. Virginia Leite Lage, filha do nosso amigo e correligionário, sr. Florêncio Leite Lage.

Tem estado doente o sr. Vicente José Pereira Rodrigues, pai dos nossos amigos srs. Serafim e António José Pereira Rodrigues. Estimamos as suas melhoras.

**Inquerito aos funcionários judiciais**

Está nesta cidade, procedendo ao inquerito sobre a conduta dos funcionários judiciais, durante o periodo do reino do Pôrto, o meritissimo juiz de Direito da Comarca de Mondim de Basto, sr. Dr. Eduardo Menezes Coelho, tendo como secretário o sr. Albino Leite da Silva, ajudante de notário, de Fafe.

**Eleições**

O «Diário do Governo» publicou o decreto convocando os colégios eleitorais para a eleição do futuro Congresso da Republica, fixando a data de 11 de Maio próximo.

**Obituário**

Na avançada idade de 89 anos, faleceu, no dia 5, no lugar da Igreja, da freguesia de Ronfe, deste concelho, a sr.ª Maria de Jesus Esteves, solteira, mãe do pároco daquela freguesia, rev. Manuel Esteves Escobar.

Também faleceu hoje, no Largo de S. Tiago, desta cidade, a sr.ª D. Adalina Augusta do Carmo Dias, de 58 anos, solteira, parteira. A's familias enlutadas os nossos pezames.

**Caldas das Taipas, 6.**

Os republicanos das Taipas promoveram no pretérito domingo uma tocante homenagem ao Ex.º Sr. Dr. Alfredo Fernandes, pela inicia-

**ADELINO LEITE DE MARIA**

compra, por altos preços, faianças antigas, sedas, damascos, gravuras, joias, etc. etc.

R. Eliás Garcia (antiga de Santa Maria, 66 - GUIMARÃES

tiva e boa vontade que tem votado ao progresso desta povoação.

Uma banda de música percorreu a povoação e foi saudar o homenageado, acompanhando-o ao Hotel Vilas, onde, na sala artisticamente ornamentada, se realizou um banquete abrilhantado pela mesma banda.

O jantar decorreu no maior entusiasmo, reinando sempre a melhor alegria e a mais franca camaradagem.

Presidiu o Ex.º Sr. Dr. Alfredo Fernandes, ocupando os lugares de honra os Ex.ºs Srs. Mariano Felgueiras, illustre presidente da Câmara de Guimarães, Isolino Caramalho, muito digno administrador do concelho, José Fernandes Guimarães, Francisco Pereira Silvério, Eduardo Pinto de Almeida e João Sampaio.

Indistintamente ocupavam os restantes lugares da mesa os ex.ºs senhores:

Manuel José Pereira, Adolfo Guimarães, Abilio Guimarães, Silvino Aguiar, Abilio de Oliveira, José Ferreira Guimarães, António Manuel Lourenço, João de Freitas, Adelino Manso, Manuel Piairo, Bento Mendes, Manuel Francisco Alves, Manuel Mendes, José Guimarães, Matias da Silva, João Ferreira Fernandes, José Gonçalves, José Ribeiro de Castro, José da Silva Martinho, Manuel Marques, Fortunato Piairo, Domingos de Oliveira, José Figueiredo, João Pinto, Manuel Gomes, Luís Antunes Guimarães, Lourenço Ferreira da Silva, Joaquim Marques Guimarães, José Batista Sampaio, Francisco de Carvalho, José Chaves Braga, Cândido Ribeiro Capela.

A sobremesa iniciou a série de brindes o Ex.º Sr. João Sampaio seguindo-se-lhe os Srs. Mariano Felgueiras, administrador do Concelho e Cândido Capela, que, em aforados discursos, brindaram o homenageado e saudaram o novo governo.

O Sr. Dr. Alfredo Fernandes agradeceu, em um tocante discurso, a manifestação de que era alvo e prometendo a todos a sua leal colaboração, saudando os republicanos presentes. Em seguida referiu-se, com todo o calor, ao governo constituído sob a presidência do grande republicano Sr. Dr. Domingos Pereira, a quem presta homenagem, propondo que os presentes mandassem a Sua Ex.ª um telegrama de saudação, que foi votado no meio da maior aclamação ao Governo e à Republica.

Esta interessante festa terminou com repetidos vivas à Pátria, ao Exército republicano, ao Dr. Afonso Costa, à Republica, etc.

**Misericórdia de Guimarães**

**ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINARIA**

São convidados os Irmãos da Misericórdia a reunir na casa do Despacho, anexa ao seu Hospital, aos Capuchos, na rua 31 de Janeiro, desta cidade, no dia 21 do corrente, pelas 11 horas, para deliberar sobre o levantamento até 10:000000, por emprestimo ao capital, para ajudar ao custeio das sempre crescentes despesas de manutenção do hospital e asilos.

Se no dia acima designado não comparecer numero legal de Irmãos para a Assembleia poder funcionar, faz-se desde já o convite para a segunda reunião no dia 30 de Abril corrente, pelas 11 horas, na referida casa do Despacho para se tratar do mesmo assunto de primeira convocação.

Guimarães e Secretaria da Misericórdia, 11 de Abril de 1919.

O Provedor,

Manuel Martins Barbosa de Oliveira.

**DINHEIRO**

Dá-se por hipoteca 2000000 ao juro que se combinar. Nesta Redacção se diz.

**Edital**

(1.ª publicação)

Mariano da Rocha Felgueiras, presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães.

Faz saber que, para dar cumprimento ao disposto no artigo 14 do Decreto n.º 5368 de 8 do corrente, recebe postagens do Concelho, das 13 as 15 horas, até ao dia 20, declarações de todos os contribuintes que tenham conhecimento de qualquer acto de hostilidade à Republica, praticado por funcionários municipais.

Guimarães, 13 de Abril de 1919.

Mariano da Rocha Felgueiras.

**Máquina de cravar**

Vende-se uma em estado de nova. Preço módico.

Nesta redacção se diz.

# CONFETARIA BRASILENSE

**GENÉRIOS DE MERCARIA-PASTELARIA**  
EXECUTAM-SE ENCOMENDAS

CAIXINHAS BARRADOS  
ESPECIAL CAFFÉ  
BRAZILEIRA

**DOMINGOS VIVAZZARO & C.**

## DEPÓSITO DE PÓLVORA DO ESTADO

Agência da Companhia de Seguros  
**Portugal Previdente**

Tintas, vidros, óleos, cimentos e vernizes. Completo sortido em molduras para quadros. Papel para forrar casas. Azulejos e mosaicos. Artigos para caçadores e muitos outros artigos pertencentes a este ramo de negócio.

Dragaria: Fernandes Guimarães & Irmão, Suc.  
Rua da República — GUIMARÃES

### A Velha Guarda

Órgão local do Partido Republicano Português

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Ao Cidadão

*Conde Mendes de Castro*  
*Miguel*



VAGO

# A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital: 500:000\$00 escudos

- Seguros contra accidentes de trabalho
- Seguros contra fogo
- Seguros de vida
- Seguros de transportes
- Seguros contra roubos
- Seguros de cristais.

Correspondente na Corredoura (S. Torcato):

João Vasco Cardoso Guimarães.

## “ATLANTICA,” Companhia de Seguros

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital social... Esc. 500.000\$00

» realizado... » 50.000\$00

Fundo de reserva... » 150.000\$00

SÉDE: LOYOS, 92 — PORTO

Receta de 1914	Esc.	36.988.802,5
» 1915	»	71.497.629,3
» 1916	»	537.897.891,6
» 1916	»	3.139.404,823

Dividendos pagos em 1914	E.	22.601.611
» 1915	»	25.903.815
» 1916	»	153.470.890,5
» 1917	»	1.427.035,914

AGENCIAS EM FRANÇA, INGLATERRA, NORUEGA, SUECIA, DINAMARCA, ESPANHA E EGITO

Seguros contra fogo. — Seguros contra fogo e roubo. — Seguros contra grêes e tumultos. — Seguros agricolas.  
Seguros contra quebra de cristais. — Seguros de guerra.  
Seguros maritimos e postais. — Seguros contra inundações e enxurradas.

### CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

- Mannel Joaquim de Oliveira
  - Dr. José Maria Soares Vieira
  - Silvino Pinheiro de Magalhães
  - Dr. Leopoldo Correia Mourão
  - Jaime de Sousa
- Directores

Agentes em todas as terras do país

Commissarios de avarias em todos os portos do mundo

DELEGAÇÃO EM GUIMARÃES

Passeio da Independencia, 102 a 105

### A Velha Guarda

Órgão local do Partido Republicano Português

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

#### Preço da assinatura

Ano	1250 cent.
Semestre	750 »
Brazil, ano (moeda forte)	2250 »
Numero avulso	503 »

#### Preço das publicações

Anúncios e comunicados, por linha	506 cent.
Repetição, por linha	503 »
Permanentes, contrato especial	
Os snrs. assinantes gozam o desconto de 25% em todas as suas publicações	